

# Cortina de fumaça diplomática pode custar vidas

Em meio a momento crítico, governo consegue desviar a atenção pública, mas põe em risco apoio fundamental contra vírus

- O Globo
- 20 Mar 2020
- ANDRÉ DUCHIADE andre.duchiade@oglobo.com.br (Colaborou Filipe Barini)



**Remessa chinesa. Avião com milhares de kits de teste contra o coronavírus chegam a Bratislava, na Eslováquia: crise pode fazer com que Brasil perca ajuda**

Não se sabe se por cálculo ou vocação natural, o governo federal, primeiro por meio do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), e, em seguida, pelo chanceler Ernesto Araújo, procedeu como em tantas vezes diante de um momento crítico: deflagrou uma crise desnecessária, que contraria interesses concretos e estratégicos do país, mas rouba as atenções e pauta o debate

público. Conforme o mundo se prepara para o maior esforço global desde a Segunda Guerra, os custos da antagonização com a China podem ser altos, e significar que o Brasil não terá apoio logístico crucial para evitar perda devidas.

—Após dois dias seguidos de pane na rede, quando fica evidente a inação do governo diante da crise de saúde que a economia sofrerá enormemente, este ataque à China é um elemento de distração importante. Ele tem uma função instrumental de gerar fumaça para que não se possa enxergar outros incêndios — afirmou Carlos Milani, professor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ). — A China não vai esquecer este escândalo diplomático quando o Brasil pedir ajuda, e o Brasil vai precisar de ajuda. A contundência da reação chinesa mostra a importância que Pequim confere ao tema do novo coronavírus, dizem pesquisadores. Após ter controlado internamente a epidemia — por meio, é certo, de medidas só exequíveis em um Estado autoritário — a China assumiu uma postura ofensiva, e envia grandes remessas de kits de teste, máscaras, respiradores e outros insumos para outros países, como objetivo de afirmar sua superpotência da saúde global. A rivalidade nada faz exceto atrapalhar o lugar do Brasil na fila da ajuda.

—Precisamos de tecnologia para lidar com o novo coronavírus. Tudo o que os chineses usaram para o controle interno ficará ocioso. Irão preferir enviar este material para a Itália ou para a Argentina, nos preterindo. Quem perde nessa história somos nós — afirmou Leonardo Ramos, especialista em China da PUC-Minas.

O comportamento de Eduardo, apontam os professores, imita o de Donald Trump, que procura associar a pandemia a Pequim, e chama a Covid-19 de “o vírus chinês”. Em termos geopolíticos, os EUA buscam usar o Brasil para conter a expansão chinesa, agenda endossada por Araújo. Ao contrário dos EUA, no entanto, o Brasil é mais fraco que a China — o país é o maior comprador comercial do Brasil, que teve superávit de US\$ 30 bilhões com Pequim em 2019.

—Ao contrário dos EUA, somos aparte fraca da corda em termos econômicos e políticos e podemos agravar a crise no país, aprofundando a recessão a caminho — afirmou Guilherme Casarões, da FGV-SP.

Em meio ao incêndio, atores mais ponderados como o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), o setor agropecuário e até o vice-presidente Hamilton Mourão procuraram dissociar o filho do presidente do Estado brasileiro e pôr panos quentes. Uma exceção foi o chanceler Araújo, que, segundo Letícia Pinheiro, professora do IESP/UERJ, preferiu a lógica de que “a melhor defesa é o ataque”.

#### OFENSIVA DE ARAÚJO

Embora tenha dito que a declaração de Eduardo “não reflete a posição do governo brasileiro”, Araújo deu maior destaque a ofato de que a embaixada chinesa endossou “postagem ofensiva a que fede Estado do Brasil”. Isto de fato aconteceu, mas, ao enfatizar esse dado, em vez de, por exemplo, buscar uma negociação nos bastidores antes de se expressar, acirrou os ânimos e criou uma nova cortina de fumaça.

—Anota de Araújo foi muito hábil, porque tentou invertê-la responsabilidade. Ao dizer que Eduardo não representa o governo que a embaixadora taca o presidente, ele imputa responsabilidade ao outro, e, simultaneamente, tenta encobrir o que todos sabem, que Eduardo é um porta-voz não oficial da

Presidência — disse Pinheiro. — O Brasil se consolida cada vez mais como um fantoche em uma disputa entre China e EUA, sem nenhuma autonomia.